



Imagem gerada por IA (*Midjourney*) a partir dos termos: delicate, pastel colors, gender queer, minimalist

# EXPERIÊNCIA DE DESAPEGO *QUEER*: QUANDO O CORPO VIRA ARQUITETURA

Marcos Sardá-Vieira  0000-0002-0263-0992

Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Erechim, Brasil

## Resumo

Neste artigo analisam-se os meandros da arquitetura enquanto dispositivo voltado aos prazeres sexuais em áreas *cruising* de Berlim, tendo como base a relação de desapego *queer*. Através de metodologia cartográfica e método fenomenológico, a intenção é compreender como corpos masculinos e desejos homossexuais são induzidos por dispositivos espaciais, objetos e efeitos de luzes/imagens, ao mesmo tempo em que tais corpos e suas performatividades também alteram as maneiras como a espacialidade pode ser concebida e adaptada. Assim, ao romper com convenções arquitetônicas diante de experiências dissidentes da heteronormatividade, destaca-se a ambiência de desapego para o desempenho de práticas sexuais não autorizadas no espaço público ou mesmo pela convenção arquitetônica, em troca da exploração consentida desses corpos e desejos pelos estabelecimentos comerciais. Tal interação de confinamento em quartos escuros (e verdades ocultas) reforça o fator de atração de outros corpos consumidores, submetidos ao suposto controle e disciplina de comportamentos e desejos sexuais associados à subcultura *gay* e ao regime farmacopornográfico, tendo como subterfúgio a estética disruptiva do corpo quando associado à arquitetura.

## Palavras-chave

Corpo; homossexualidade; desapego queer; arquitetura de controle; Berlim.

## EXPERIENCE OF QUEER DETACHMENT: WHEN THE BODY BECOMES ARCHITECTURE

### Abstract

This article analyzes the conformations of architecture as a device aimed at sexual pleasures in cruising areas of Berlin, based on the relationship of queer detachment. Through cartographic methodology and phenomenological method, the intention is to understand how male bodies and homosexual desires are induced by spatial devices, objects and light/image effects, at the same time that such bodies and their performativities also modify the ways in which spatiality can be conceived and adapted. Thus, by breaking with architectural conventions in the face of dissident experiences of heteronormativity, the ambience of detachment for the performance of unauthorized sexual practices in public space or even by architectural convention stands out, in exchange for the consented exploitation of these bodies and desires by commercial establishments. This interaction of confinement in dark rooms (and hidden truths) reinforces the attraction factor of other consumer bodies, subjected to the supposed control and discipline of sexual behaviours and desires associated with the gay subculture and the pharmacopornographic regime, using as a subterfuge the disruptive aesthetics of the body when associated with architecture.

### Keywords

Body, homosexuality; queer detachment; control architecture; Berlin.

Submetido em: 31/10/2023

Aceito em: 23/12/2023

Como citar: SARDÁ-VIEIRA, Marcos. Experiência de desapego *queer*: quando o corpo vira arquitetura. *(des)troços: revista de pensamento radical*. Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. e48637, jul./dez. 2023.



Este trabalho está licenciado sob uma licença *Creative Commons Attribution 4.0*.

## Introdução

---

Possivelmente, um dos grandes propósitos da humanidade é encontrar um lugar na eternidade. Para isso, mobiliza-se tanto empenho e energia na função incerta de se alcançar resultados práticos e compensatórios diante das diferentes formas de se aproveitar o tempo de vida, atribuir memórias e acumular patrimônios individuais. É como se essa condição de conquistar o infinito dependesse da mobilização e do esforço contínuo das pessoas no dever voltado à produtividade. O principal empenho, neste sentido, está na criação de coisas como peças de um tabuleiro: acessórios, ferramentas, vitaminas, máquinas, vestuário, próteses, arquitetura, cidades e muita tecnologia. Todo o ambiente urbano desse jogo de vida é canalizado para o mesmo propósito, o de construir um mundo a ser habitado. Um mundo que já vem pronto na definição de vínculos, significados e regulamentações para a existência do sujeito, de seu corpo e seus desejos. Um jogo onde as peças são lançadas a partir de regras preestabelecidas por uma origem de fatos inacessíveis. O irônico da situação é a efemeridade do sujeito-criador e a condição eterna da coisa-criatura. E nesta ironia pouco ocasional dos ciclos finitos que se sucedem para os sujeitos, surge a seguinte dúvida: o que torna o sujeito tão apegado às coisas, se estas não lhe garantem uma condição plena de eternidade? Esta pergunta desencadeou um processo reflexivo inicial sobre a vinculação de codependência da maioria das pessoas com os seus objetos de pertencimento, considerando o tempo dedicado para a conquista de posses materiais como meio de orientação para a vida.

Diante disso, considera-se que a relação do sujeito com os objetos é uma relação com a exterioridade e isto implica na sua própria constituição como ser social. Assim, os discursos e comportamentos mudam no teor desse jogo de interações com os objetos, principalmente na maneira como os sujeitos lidam com os bens materiais para comprovar fatos, estabelecer certezas e justificar propósitos. Portanto, a apropriação de objetos e do espaço, neste sentido, reflete os valores atribuídos à cultura material, à hierarquia socioespacial e ao poder de influência sobre a adesão das outras pessoas às normas dominantes. Como se hoje em dia coubesse ao objeto o lugar do sagrado na sociedade e ao sujeito-corpo o papel da profanação.<sup>1</sup>

Compreendendo que as condições impostas pelas normas sociais, ao estabelecer o que é sagrado através dos valores materiais, gera uma adesão cega, mas que não acomete a todas e todos, surgem outras perguntas: quais experiências de vida permitem o desapego do sujeito na sua vinculação com o objeto? Que aspectos da verdade do sujeito são retomados nesta descentralização das coisas e na religação do humano com o divino através do corpo como objeto de arte? Que condições espaciais se definiriam a partir deste desprendimento em relação aos objetos? Haveria mais prazer (do que dever) em viver?

Diante destes questionamentos, espera-se compreender a experiência hedonista de corpos masculinos e desejos homossexuais em suas incursões por áreas *cruising* de estabelecimentos privados em Berlim e o rompimento com determinados limites entre

---

<sup>1</sup> AGAMBEM, *Profanações*.

sujeito desejante e objeto desejável. Para isso, utiliza-se nesta pesquisa<sup>2</sup> qualitativa e interdisciplinar a fenomenologia como método para descrever tais experiências a partir da propensão do sujeito-corpo em superar suas dicotomias e, no decorrer desta experiência, a metodologia se constitui pela cartografia da deriva por meio da observação atenta das pessoas e da constituição da arquitetura, enquanto elementos implicados por relações entre materialidades, intersubjetividades e discursos cotidianos.

A escolha de Berlim como campo de análise justifica-se pelo interesse em ampliar a compreensão sobre performatividades dissidentes para além dos subterfúgios de restrições morais e culturais típicas de cidades menores e países periféricos. Nesse contexto, considera-se que o fomento às subculturas em metrópoles como Berlim apresenta espacialidades e representações propícias à reunião de grupos dissidentes das políticas heterocispatriarcais, o que reduz o binarismo identitário e o contraste da cultura material na interpretação do discurso hegemônico, gerando zonas de transição onde experiências são promovidas com maior criatividade e autonomia. Fora deste contexto de maior evidência, diante do anonimato ou pelo efeito dispersivo da multidão, a diversidade ganha força com manifestações espontâneas e plurais na definição de espaços transitórios.<sup>3</sup>

Na sequência, a experiência *queer* será apresentada como possibilidade de desapego frente à cultura material e urbana de reprodução heterocispatriarcal, na qual as (pós)identidades LGBTIAP+<sup>4</sup> não estão, substancialmente, representadas. Em seguida, a partir da experiência observada em áreas *cruising* e através da narrativa fenomenológica, discorre-se sobre a objetificação do corpo diante do desejo condicionado em sua associação com a arquitetura do estabelecimento e do *dark room*. Assim, ao vivenciar o desapego, o juízo sintético e a sublimação do sujeito-corpo a partir de práticas sexuais dissidentes entre homens/*gays* (ao suplantarem a privação do sexo anal), tais fenômenos são interpretados como possíveis experiências disruptivas *queer*.

## 1. Corporalidades *queer* e relações de desapego

Será que a relação de apego das pessoas aos seus objetos poderia ser uma condição de resiliência diante do regramento moral e da repressão sexual mantidos por políticas produtivistas? Ao mesmo tempo, encarar o desapego com as coisas e objetos, de alguma forma, induz a maior obtenção de prazer(es) através de sensações e subjetivações de um corpo visto como abjeto? Estes questionamentos (e os anteriores na Introdução) conduzem para observações mais atentas sobre as pessoas, os lugares e as teorias que seguem outros caminhos, desvelando a ilusão pela eternidade. Como se alguns sujeitos-corpo assumissem seu caráter efêmero e poético para fazer diferença no ato político de profanação do objeto ao restituir o valor das coisas como elementos secundários em suas vidas, sem desprezá-las totalmente. Seriam pessoas, pensamentos

<sup>2</sup> Este artigo é parte da pesquisa de doutorado defendida pelo autor em 2018 junto ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

<sup>3</sup> SARDÁ-VIEIRA, *Errância, devir queer e transição espacial nas ruas de Berlim*.

<sup>4</sup> Em sua amplitude, o termo *Queer* é interpretado aqui por sua potência de vontade não representativa e, por isso, ficou fora da sigla LGBTIAP+, ainda que estas identidades sejam suas principais representantes.

e discursos que procuram romper com esta reprodução totalizadora do sucesso e do sagrado associados com a posse de objetos e bens materiais. São atitudes de desapego, que relativizam a relação de importância que é dada para as coisas.

É neste sentido que o *queer* como potência de vontade é um conceito importante nesta explanação de ideias. No contexto relativo aos estudos de gênero, sexualidade e feminismos, o *queer* é um movimento de subversão do estado de apego aos discursos, orientações e materialidades hegemônicas que questiona o sistema de sexualidade, a expressão do corpo e as identidades de gênero sacralizadas pela heterossexualidade.<sup>5</sup> Nesta abordagem, o *queer* surge como conceito amplo, que pode relativizar a divisão entre categorias e fronteiras binárias estabelecidas como naturais e opostas. Por isso, a desconstrução da heterossexualidade como essência e o desvelamento da matriz heteronormativa – como modo político de regulamentar a vida por seus fundamentos mais básicos de desejos e identidades – potencializam outros níveis de realidade. Da mesma forma, o *queer* também questiona a delimitação das identidades designadas por grupos homossexuais e qualquer outro aprofundamento nessas categorias marcadas por modelos e disciplinas de ações e comportamentos.<sup>6</sup>

Indo além das teorias feministas na problematização do fundamento ontológico e essencialista para a constituição do sujeito, Judith Butler<sup>7</sup> questiona a condição do corpo sob o efeito da linguagem, destacando o conceito de performatividade como parte de um sistema discursivo e identitário que estabelece as normas de reconhecimento do sexo, do gênero e do desejo para criar a materialidade inteligível deste corpo, enquanto refúgio inalienável do sujeito. Aqui, o conceito de performatividade é compreendido a partir de Butler<sup>8</sup> e Kath Browne,<sup>9</sup> vinculado aos atos, gestos e desejos presentes na superfície do corpo pela expressão da vontade do sujeito ou, ainda, para desconstruir a noção de categorias fixas na materialização do corpo inserido em determinado lugar.

Esse estranhamento com as condições hegemônicas preestabelecidas é parte do campo de pesquisas denominado Teoria *Queer*, que trata da desconstrução do gênero e da orientação sexual como fatores permanentes e que foge das prerrogativas de que a heterossexualidade cisgênero é a essência para a percepção do corpo, dos desejos e da própria compreensão do sujeito na sociedade.<sup>10</sup> Por ser uma potência de vontade não representativa, o *queer* se estabelece como ação a partir do sujeito-corpo, quando este expressa suas concepções estética, performativa e reflexiva baseadas em experiências da própria corporalidade e do pensamento para situar-se no mundo.<sup>11</sup> Assim, para o sujeito que estabelece maior autonomia na maneira de pertencer ao mundo, os objetos servem como apoio para as suas ações, mas, não necessariamente, definem um percurso de orientação no espaço.

Na medida em que o *queer* engloba, genericamente, a homossexualidade, a transexualidade, a deficiência,<sup>12</sup> a etnia, a intersexualidade, a pansexualidade e qualquer

<sup>5</sup> LOURO, *Foucault e os estudos queer*.

<sup>6</sup> LEWIS, *Queer e performatividade*.

<sup>7</sup> BUTLER, *Problemas de gênero*.

<sup>8</sup> BUTLER, *Problemas de gênero*.

<sup>9</sup> BROWNE, *Uma perfeita geezer-bird (mulher-homem)*.

<sup>10</sup> BUTLER, *Problemas de gênero*.

<sup>11</sup> Butler (2002) parte da ideia fundamental de que o discurso habita, cria e se confunde com a materialidade do corpo.

<sup>12</sup> MAGNABOSCO; SOUZA. *Aproximações possíveis entre os estudos de deficiência e as teorias feministas e de gênero*.

dissidência que foge à lógica da heterocisnormatividade, torna-se relativa à posição do sujeito estranho dentro de uma realidade homogênea, padronizada, sugerindo rompimentos na interpretação dominante das fronteiras que definem a realidade do gênero e do sexo.<sup>13</sup>

Nos argumentos defendidos aqui, essas fronteiras dizem respeito tanto à constituição da identidade quanto à delimitação do espaço através de objetos que separam corpos, desejos e estigmas sociais baseados nas aparências e na performatividade de gênero. A distinção do particular na pluralidade é um atributo da ordem espacial. Logo, são nas categorias de planejamento do espaço que se estabelecem funções e formatos para enquadrar distinções humanas ou mesmo para invisibilizar suas representações. Ainda, é nesta projeção de atributos com a ordem espacial dos objetos e elementos construtivos que a arquitetura da cidade se mantém como um dos principais dispositivos de regulamentação social – uma herança da biopolítica do século 19.

Além disso, o espaço é visto como a dimensão intrínseca da existência humana. Ou seja, na medida em que o sujeito se situa no espaço, esse lugar ocupado também começa a fazer parte deste sujeito, estabelecendo os objetos de referência e os significados com os quais a interação se materializa na percepção dessa experiência estética. Por isso, a condição advinda do espaço pode implicar condições preliminares para o próprio estado de consciência sobre a realidade.

É neste sentido que a relação entre os estudos de gênero e os estudos urbanos permite compreender o efeito da constituição do gênero e da sexualidade na materialização e no funcionamento do ambiente de ações sociais conjuntas. Na relação peculiar do sujeito-corpo com o espaço e os objetos, surgem resíduos dessa interação de movimentos efêmeros e significativos, que aludem à constituição de identidades ou à ambivalência da performatividade como desvio de conduta e reorientação cinestésica do corpo generificado.<sup>14: 15</sup> Essas interações contínuas entre sujeito e objeto, que podem vulnerabilizar a condição efêmera de movimento do corpo, da mesma forma expõem possibilidades de configurar novos significados nesta apropriação do espaço-objeto.

Para Sara Ahmed,<sup>16</sup> em sua publicação sobre a fenomenologia *queer*, a orientação é um termo relativo à espacialidade. Estar orientado refere-se ao posicionamento do corpo do sujeito em relação aos objetos que dão um senso de direção e distanciamento. Utilizado, primeiramente, para indicar os pontos cardeais na navegação, o termo orientação tornou-se uma metáfora para o desvio, a dissidência e a inversão da sexualidade, também no sentido das orientações que constituem a identidade do sujeito.

A sexualidade, compreendida como ter uma orientação para o desejo despertado por outros corpos, está baseada no modelo de dois sexos binários (homem e mulher), o qual se converte, rapidamente, em um modelo de duas orientações: hétero e *queer* – considerando-se o termo *queer*/estranho como o conjunto mais amplo de sexualidades não normativas, que engloba *gays*, lésbicas, bissexuais, transexuais e assexuais, no exemplo de sexualidades direcionadas para outros subterfúgios do desejo.<sup>17</sup>

---

<sup>13</sup> MISKOLCI. *Crítica à Hegemonia Heterossexual*.

<sup>14</sup> LEWIS, *Queer e performatividade*.

<sup>15</sup> BUTLER, *Problemas de gênero*.

<sup>16</sup> AHMED, *Queer phenomenology*.

<sup>17</sup> AHMED, *Queer phenomenology*.

Devido ao termo homossexualidade ser um fenômeno recente, do século 19,<sup>18</sup> a noção de orientação sexual vincula-se à figura do homossexual, ou seja, daquele que se desvia da orientação estabelecida como convenção na sociedade heteronormativa. Portanto, a emergência da ideia de orientação sexual não é equivalente para homossexuais e heterossexuais, uma vez que esta concepção moderna (de contraponto ao estado de normalidade) é um fator constituinte da homossexualidade, dada como tendo uma orientação a ser destacada – enquanto ao heterossexual é presumível uma orientação neutra.<sup>19</sup>

Ahmed<sup>20</sup> diz que o desejo sexual é visto como a orientação da pessoa em direção a outras por quem sente atração. Por exemplo, no caso da heterossexualidade, as pessoas seguem uma linha presumível que permita encontrar o outro sexo no decurso de seus desejos, enquanto uma orientação *queer* não corresponde, exatamente, em seguir na direção de pessoas do mesmo sexo, mas sim, em não seguir a linha direcional da heterossexualidade. Ainda, segundo Ahmed,<sup>21</sup> as publicações escritas no início do século 20, com destaque para o texto do sexologista Havelock Ellis, realçam esse senso de normalidade que se convencionou na maneira como o desejo tende a ser direcionado do desejante para o desejado. No caso, uma orientação voltada para o mesmo sexo corresponderia a uma aberração, um desvio do caminho, enquanto a orientação voltada para o outro sexo seria compreendida como a própria linha de normalidade. Qualquer fuga desta linha do desejo heterossexual, desalinhando o fluxo do sujeito, representava para Ellis o desvio da própria conduta humana, onde o desejo torna-se fundamental na motivação da ordem ou da desordem desse alinhamento espacial. Este fenômeno é básico para se compreender os estímulos e impulsos mais fundamentais que geram o movimento das pessoas entre diferentes referências e direções espaciais. Ao mesmo tempo, também é importante mostrar como a interpretação restrita desse aspecto consolida a noção de orientação compulsória pela heterossexualidade.<sup>22</sup>

A direção que se toma em relação à orientação sexual, portanto, define o próprio rumo para a constituição de grupos, na medida em que há identificação com outras pessoas que seguem o mesmo fluxo de desejos. Assim, nesse fluxo ininterrupto de realizações materiais, o ambiente acaba direcionado para o mesmo propósito de garantir um lugar na eternidade, ao mesmo tempo em que cria a ilusão de que a ampliação do ciclo de vida alcançará indivíduos, comunidades e demais entidades coletivas. Ou seja, é o paradoxo da efemeridade do sujeito-corpo e da condição eterna da coisa artificial, o que desfaz o sentimento de apego para coisas que não retribuem esta expectativa – com a ressalva de que o apego não é uma imposição do objeto de desejo, mas este se torna um mecanismo real e palpável para a manipulação em relações político-sociais hierarquizadas pelo maior sucesso ou fracasso das pessoas em relação à quantidade e qualidade de suas posses.

---

<sup>18</sup> FOUCAULT, *História da sexualidade 1*.

<sup>19</sup> AHMED, *Queer phenomenology*.

<sup>20</sup> AHMED, *Queer phenomenology*.

<sup>21</sup> AHMED, *Queer phenomenology*.

<sup>22</sup> AHMED, *Queer phenomenology*.

## 2. Sujeito-corpo sexuado, orientado por objetos e pelo espaço

Diante desses fenômenos do sujeito-corpo implicado em suas orientações sexual e espacial, a relação entre sujeito e objeto é apresentada aqui de maneira não dicotômica; isto é, desafiando a ideia de como o sujeito interage e se apropria dos objetos, entre dimensões físicas e simbólicas, revelando o caráter do espaço onde também ocorrem as interações entre as pessoas e as apropriações do próprio sujeito a partir do propósito estabelecido ao espaço arquitetônico enquanto dispositivo.

Aliás, o sujeito-corpo também é compreendido como parte da produção capitalista contemporânea, de acordo com Paul Preciado,<sup>23</sup> seguindo o entendimento sobre a construção e a destruição simultâneas das pessoas em processos de regramento social, quando estas precisam adequar suas corporalidades químicas e protéticas a concepções ilusórias e audiovisuais enquanto tendências. Para o autor, tal modo de apreensão do corpo e da subjetividade pelo capitalismo é por ele chamado de "sociedade farmacopornográfica"<sup>24</sup>. Essa noção de sociedade, que também é referida como sociedade de controle por Deleuze e Guattari, seria complementar e contínua à biopolítica da modernidade apresentada por Michel Foucault.<sup>25</sup> A biopolítica se refere ao exercício de poder sobre os corpos e vidas das pessoas, enquanto o regime farmacopornográfico sugere a influência do capitalismo contemporâneo na construção de identidades através da regulação biomolecular/fármaco e semiótico-técnico/pornô.<sup>26</sup> Seguindo a análise de Preciado, desde a Segunda Guerra Mundial entrou-se neste regime de novas produções tecnopolíticas de intervenção e representação sobre o corpo. São tecnologias biomoleculares, miniaturizadas e suaves, inseridas no interior do espaço íntimo e privado do corpo, que alteram a sua forma, suas interações interpessoais e influenciam na constituição das subjetividades. Em suma, para o filósofo espanhol, "o corpo já não habita os espaços disciplinadores: está habitado por eles".<sup>27</sup>

Assim, uma vez que os objetos representam valores associados à maneira como os sujeitos configuram suas realidades, promovendo ações e modificações no espaço, tais objetos (discursivos ou arquitetônicos) materializam essas decisões na definição de significados para todos os sujeitos. Assim, a representação dos objetos de uso cotidiano e, principalmente, a arquitetura das cidades condicionam nossos modos de agir, deslocar e expressar movimentos corporais. Portanto, os objetos formados por uma cultura material e urbana tendem a condicionar a orientação da vida e das vivências entre gerações humanas que se sucedem por suas relações de apego aos pressupostos de valores morais e ideológicos.

Na diferença marcante entre as pessoas, como seres vivos e orgânicos, dotados de consciência e vontade, e os objetos inanimados, formados pela matéria inerte e presentes na configuração espacial arquitetônica, a questão que se levanta aqui é o fenômeno desta relação de apego e desapego com os objetos na configuração do espaço voltado para as representações e performatividades humanas, isto é, na atribuição de significados aos dispositivos para atender aos interesses de controle nas subjetividades

---

<sup>23</sup> PRECIADO, *Testo Junkie*.

<sup>24</sup> PRECIADO, *Testo Junkie*, p. 84.

<sup>25</sup> FOUCAULT, *Segurança, território, população*.

<sup>26</sup> PRECIADO, *Testo Junkie*, p. 36.

<sup>27</sup> PRECIADO, *Testo Junkie*, p. 86.



e na sexualidade (re)produtiva. Portanto, mesmo que o espaço da cidade permita múltiplas possibilidades de expressão das vontades e desejos, a maneira convencional como as pessoas se vinculam à cultura material e urbana denota uma orientação espacial de tendências padronizadas, condicionando os significados, os discursos e as ações de outros sujeitos (e outras gerações) que compartilham do mesmo local no decorrer de suas narrativas históricas.

Para desenvolver esta reflexão, parte-se do pressuposto que os significados reconhecidos nos objetos por uma cultura material prévia e recorrente definem as possibilidades de identificação do sujeito, na maneira como ele irá se constituir para adaptar-se às condições e direcionamentos do lugar. Entretanto, estes significados estampados em formas, texturas, linhas e cores, que configuram objetos duráveis e dimensões espaciais estáveis, estão carregados de uma pré-condição para a expressão do corpo e dos desejos a serem manifestados pelos sujeitos. E quanto maior o apego destes sujeitos a esse conjunto de objetos de caráter naturalizado e de origem não questionável, maior a vinculação de suas identidades estanques conforme a realidade consolidada por tais objetos (e no reconhecimento desses significados como essência de um passado remoto) em realidade predominante.

Na medida em que o corpo se movimenta de um lugar para o outro, muda a perspectiva do olhar do sujeito em relação aos objetos. Nessa oportunidade de mudança de posição do sujeito, em trocar o convívio de objetos antigos por objetos novos – ou mesmo, de alterar seu ponto de vista sobre o mesmo objeto – surge a possibilidade de o sujeito relativizar os significados preestabelecidos, por mais que o ponto de partida e o ponto de chegada façam parte desta mesma realidade predominante. Por isso, a situação do sujeito deslocado, que se mantém fora da orientação dos significados mantidos por objetos e lugares recorrentes, cria a possibilidade do questionamento crítico sobre as condições estéticas de existência configuradas nesses espaços urbanos, onde os objetos convencionais se acumulam como obstáculos diante das possibilidades de mudar a percepção sobre os fenômenos em que se está envolvido.

Por mais que os objetos tenham uma essência e apresentem propriedades, costuma-se ter uma vaga ideia do que eles representam em sua origem, determinada por uma intenção, para atender a certas funções e concretizar uma visão de mundo. Nesse sentido, ao questionar a essência dos objetos, dos enunciados e da própria existência, Martin Heidegger<sup>28</sup> considera que as coisas têm um caráter histórico e representam uma verdade na sua unidade enigmática. Na publicação *Que é uma coisa?*, o filósofo faz este questionamento pela perspectiva naturalizada do cotidiano, ou mesmo, por uma interpretação unívoca do conhecimento predominante de cada época. Para esse autor, cada objeto/coisa tem uma essência e o conhecimento humano é um modo de se relacionar com o objeto, dando-lhe significados para torná-lo representativo. Por isso, essa interpretação da essência do objeto varia de acordo com a história, a geografia, o conhecimento utilizado para penetrar em seus domínios e no uso da intuição e do raciocínio como síntese desta apreensão.<sup>29</sup>

Heidegger<sup>30</sup> aponta que na Grécia antiga a nobreza que distinguia os gregos era parte do discernimento questionador de seus cidadãos ao utilizar o saber com liberdade,

---

<sup>28</sup> HEIDEGGER, *Que é uma coisa?*

<sup>29</sup> HEIDEGGER, *Que é uma coisa?*

<sup>30</sup> HEIDEGGER, *Que é uma coisa?*

diferentemente de outros povos bárbaros que não podiam ou não queriam alcançar esta compreensão. Na Idade Média, o conhecimento sobre as coisas estava delimitado pela fé, da mesma forma que o pensamento racional do século 18, que estabeleceu o fundamento para conceber a verdade nesta mesma interpretação do que é uma coisa nos períodos subsequentes. Todas essas interpretações estiveram baseadas em enunciados que já não correspondem totalmente à maneira como se interpreta a verdade da coisa na contemporaneidade. Por isso, o autor aponta o caráter histórico da verdade ao ser estabelecida na maneira como a realidade é criada através de discursos, fatos e objetos.

Assim, a importância do significado dado aos objetos quase nunca é fator de questionamento nas vivências cotidianas. Pelo contrário, a coisa em si é naturalizada na medida em que seus significados vêm estabelecidos por uma origem indefinida de seu caráter utilitário. Com essa condição prévia do fundamento ontológico da coisa, em considerar que ela existe para a promoção do bem comum, as pessoas se apegam aos fatos imediatos, distraídas por deveres diários, sem questionar a própria existência e o compartilhamento dessa realidade também reconhecida, de maneira automática, sob a influência de outras consciências. Essa alienação diante da naturalização das coisas no ciclo das atividades do cotidiano impede a transcendência do pensamento, que não supera a condição de existência estabelecida pelo objeto nas características dirigidas ao espaço e no reconhecimento da mortalidade do organismo.<sup>31</sup>

Na medida em que os objetos não ocupam o mesmo lugar no espaço e na mesma fração de tempo, diferentes itens se acumulam para estabelecer postulados e orientações concomitantes. Quanto mais se acumulam, mais complexa se torna a representação de um lugar e mais elementos configuram possibilidades de identificação dos sujeitos com tais objetos e discursos dissonantes. Dessa maneira, os objetos se estabelecem como centro em volta dos quais as propriedades se instalam, dando suporte às representações estéticas e às orientações espaciais. Nessa disposição nada aleatória, o espaço torna-se o vazio que envolve tudo aquilo que essas entidades consistem, preenchendo o limite dimensional relativo que separa, em contraste, o interior do exterior.<sup>32</sup>

Para Milton Santos,<sup>33</sup> a realidade do espaço está em sua materialidade e na vida que a anima. Por uma interpretação relativa à compreensão da geografia, para esse autor, o espaço pode ser compreendido como o conjunto de elementos fixos, fixados no lugar, e de fluxos, como ações que "atravessam e se instalam nos fixos, modificando a sua significação e o seu valor, ao mesmo tempo em que, também, se modificam".<sup>34</sup>

Esse fundamento de criação do espaço para organizar o processo de transformação do orgânico para o tecnológico também é parte dessa realidade de alienação na relação do sujeito com o objeto. Neste contexto é que a organização do espaço reflete essa condição de vida.

Dorren Massey<sup>35</sup> considera o espaço como uma dimensão que modula o entendimento pessoal de mundo, afetando o modo como se entende a globalização, a abordagem nas cidades, as atitudes frente aos outros e as próprias políticas. Portanto,

---

<sup>31</sup> ARENDT, *A condição humana*.

<sup>32</sup> HEIDEGGER, *Que é uma coisa?*

<sup>33</sup> SANTOS, *A natureza do espaço*.

<sup>34</sup> SANTOS, *A natureza do espaço*, p. 38.

<sup>35</sup> MASSEY, *Pelo espaço*.

para a geógrafa, o espaço é um campo de possibilidades múltiplas, sempre em processo e nunca um sistema fechado.<sup>36</sup>

Na discussão sobre a natureza do espaço arquitetônico, Maria Lúcia Malard<sup>37</sup> considera que toda a abrangência do espaço só é compreensível pela sua interação entre sujeito e objeto, pela definição das aparências (elementos que se visualizam) e dos lugares (elementos que se vivenciam). Na medida em que esta dimensão física estabelece um sentido a partir das disposições de objetos, ordenar este espaço é uma maneira de interpretar o mundo. Além disso, organizar o espaço, o pensamento e o comportamento é o que define uma ação em prol de uma vida social compartilhada. Entretanto, quando esta organização espacial segue princípios muito fechados, coibindo outros processos de relação com os objetos e na criação espacial, surge uma delimitação restrita diante das possibilidades de interpretação da verdade como vivências de descobertas e compartilhamentos.

Nem sempre a decisão de romper com o contexto de interações simbólicas diz respeito à transformação de uma realidade concreta e inquestionável. A coisa como centro em torno do qual giram propriedades de orientação das verdades é mutável, assim como a apreensão que se pode obter por meio do conhecimento. Sobre esta apreensão, Heidegger<sup>38</sup> aponta que a unidade do conhecimento humano se apresenta em dois modos duplos de compreensão da coisa: a intuição e o pensamento. Neste caso, tanto o objeto quanto o conhecimento sobre este objeto são duplamente determinados. A intuição e o pensamento dão sentido à representação, no modo como o objeto é apreendido pelo sujeito. O que é representado de forma imediata ao sujeito, com sua extensão, cor e luminosidade singulares é apreendido pelo conhecimento como intuição; enquanto o representar mediato, que passa pelo processo reflexivo da representação, é parte do pensamento. Neste caso, para o filósofo alemão a experiência intuitiva é parte fundamental da apreensão da essência das coisas na formulação sintética da sabedoria, tanto quanto a razão do pensamento. Isto é, "um objeto, enquanto objeto, é determinado pela ligação, quer dizer, pela unidade, do que é intuído na intuição e do que é pensado no pensamento".<sup>39</sup>

Ainda, ao tratar da intuição como modo de apreensão da realidade, Heidegger<sup>40</sup> dispõe da experiência de apreensão das coisas através da relação direta do corpo com a realidade e no uso do juízo de pensamento para compreender os objetos e enunciados. Esta compreensão envolvendo intuição e pensamento, Heidegger<sup>41</sup> a define como juízo sintético nessa unidade de apreensão, imprescindível para a verdadeira compreensão da essência da coisa e da própria existência do sujeito ao ressignificar essa relação.

Ao destacar a experiência de intuir as coisas, lugares e enunciados, é necessário considerar a unidade da consciência com o corpo na definição do sujeito, fazendo uso da apreensão sintética para perceber o mundo através dos sentidos. Nessa apropriação do corpo pelo ego, o sujeito passa a se identificar com determinadas características externas, selecionando alguns conceitos e objetos com os quais delimita seus meios de orientação espacial e de representação. O que torna a identidade uma categoria baseada

---

<sup>36</sup> MASSEY, *Pelo espaço*.

<sup>37</sup> MALARD, *As aparências em arquitetura*.

<sup>38</sup> HEIDEGGER, *Que é uma coisa?*

<sup>39</sup> HEIDEGGER, *Que é uma coisa?*, p. 179.

<sup>40</sup> HEIDEGGER, *Que é uma coisa?*

<sup>41</sup> HEIDEGGER, *Que é uma coisa?*

no (auto)reconhecimento desses conceitos abstratos em determinada lógica e perspectiva histórica de realidade.

Portanto, ao questionarem os conhecimentos científicos da sexualidade, do sexo e da uniformidade descritiva dos corpos ao longo da história, os estudos de gênero embaralham algumas dessas fronteiras consolidadas para a compreensão de identidades e sexualidades binárias diante dos papéis sociais e das perspectivas de realidade estabelecidas para as pessoas. O argumento que se constrói aqui diz respeito ao comportamento, à performatividade e à expressão das identidades de gênero e das práticas sexuais vinculadas a normas específicas como modo de alterar o decurso de orientação simbólica e espacial na criação de categorias, hierarquias e ficções somáticas heterossexuais.<sup>42</sup> O conceito de performatividade é importante para compreender, inclusive, a relação entre sujeito e objeto, na maneira como o corpo sexuado estabelece seus movimentos e expressões no espaço de interações simbólicas.

Relacionando-se este termo com a urbanidade, no sentido de performatividades coletivas, interpreta-se como se houvesse um intervalo entre a superfície do espaço ocupado por cada corpo e a superfície da matéria onde são estampadas ações conjuntas a serem repetidas continuamente. Nesta relação de influências, dos corpos definidos como/entre masculinos e femininos – imprimindo ações sobre a superfície da matéria inerte, e essa correspondendo na circunscrição do movimento do corpo e da sua linguagem – é onde se imprimem os efeitos significativos do gênero binário associado à aparência das coisas. Ao mesmo tempo, é neste intervalo do ajuste do corpo à orientação no espaço onde se encontra a possibilidade de reinterpretar o significado desta realidade naturalizada sem a necessidade de alterar a materialidade já estabelecida para essas superfícies. Tanto o organismo atuante quanto o espaço-objeto sofrem influências e se moldam neste diálogo do vazio, nesta interação entre movimentos e permanências. Diálogo do vazio é um termo que se apresenta ao se considerar a existência de trocas e interferências na relação do movimento do corpo no espaço que ocupa ao ser moldado por objetos e discursos. Da mesma forma que se problematiza a influência destes objetos na orientação do sujeito, também se argumenta a influência do movimento performativo do sujeito *queer*, por sua vez influenciando nas interações simbólicas e, por consequência, na condição material e estática de como os objetos serão interpretados a partir da experiência estética pelo desvio de orientações e performatividades não binárias.

Destaca-se que a experiência do juízo sintético (intuitivo e reflexivo) na relação do sujeito com o espaço-objeto é potencializada diante da performatividade<sup>43</sup> de gênero e da(s) sexualidade(s) dissidente(s) da heterocisnormatividade. Isso significa que, na medida em que o sujeito-corpo é interpretado como objeto por outros sujeitos, este corpo-objeto provoca ruído na consolidação da ordem hegemônica ao romper com a legibilidade

---

<sup>42</sup> PRECIADO, *Testo Junkie*.

<sup>43</sup> Por trás da expressão de gênero está o ato performativo de gênero reificado, onde o performativo é a criação de discursos e expressões corporais que nomeiam uma identidade. Este conceito costuma ser confundido com a performance artística, que supõe um ato artístico (a performance) preexistente ao performer (ator/artista), ou seja, a performance estabelecendo a informação do discurso antes do ato em si, enquanto no conceito de performatividade de Butler (2015), a identificação dos gestos e comportamentos é compreendida como posterior ao ato do sujeito (SALIH, *Judith Butler e a Teoria Queer*).

da matriz heterossexista de significação da relevância material das coisas, desconstruindo a orientação espacial e a identidade padrão.<sup>44; 45</sup>

Essa ordem na relação hierárquica entre sujeitos tem na sexualidade o processo de apreensão mais profunda para a interação do corpo do outro como objeto de desejo e discernimento. É por isso que a sexualidade designa a maneira como as pessoas são orientadas para a prática do sexo e no sentido de prazer erótico para o qual destinam seus desejos. As definições que designam a homossexualidade, heterossexualidade, bissexualidade, pansexualidade, por exemplo, são estabelecidas pela experiência do momento atual, na medida em que a compreensão da sexualidade nem sempre foi a mesma. Ao longo da história existem relatos que apresentam outros significados para as práticas eróticas. No período moderno, entretanto, houve a construção obstinada de uma ciência da sexualidade marcada por tabus irrevogáveis, produção de discursos (e silêncios), delimitação de saberes e relações de poder.<sup>46; 47; 48</sup>

Até a primeira metade do século 20, surgem as ficções somáticas de repetições performativas delimitando a verdade do sexo, da sexualidade e da raça para regulamentar as condições de reprodução da vida e criar padrões morais e econômicos para o governo da população. Nesse caso, o sujeito-corpo heterossexual é a referência para assegurar a produção da identidade sexual e sob a qual também são produzidas (ou excluídas) certas partes do corpo como órgãos reprodutivos e de promoção do prazer. Como exemplo, Preciado<sup>49</sup> discorre sobre a privatização do ânus como parte deste circuito de prazer e produção na sexopolítica ocidental consolidada desde o século 19, ao constituir a estética da diferença sexual e das identidades sexuais, que “tomam a forma de arquiteturas políticas exteriores ao corpo”.<sup>50</sup>

Portanto, a repetição destes atos e discursos pela política heterocisnormativa delimita a verdade sobre esses enunciados, excluindo outras possibilidades de expressar e compreender as práticas sexuais em suas dinâmicas ao longo da história.<sup>51</sup>

### 3. A verdade como um quarto oculto?

A leitura de Heidegger<sup>52</sup> sobre o que é uma coisa, apresentada no tópico anterior, remete a uma concepção da existência como processo de conhecer a realidade, como se ao sujeito fosse dado um desafio de adivinhar o significado das coisas e estabelecer novas maneiras de se relacionar com os objetos.

Heidegger<sup>53</sup> rodeia sua pergunta como se fosse uma pista para se descobrir este significado, que não pode ser dito de imediato sem o risco de descrédito para o autor. Por isso, o filósofo desafia o leitor a interpretar esta pergunta percorrendo o caminho próprio em busca da resposta. *Que é uma coisa?* representa uma complexa reflexão sobre a

<sup>44</sup> BUTLER, *Problemas de gênero*.

<sup>45</sup> SALIH, *Judith Butler e a Teoria Queer*.

<sup>46</sup> WEEKS, *Coming Out*.

<sup>47</sup> FOUCAULT, *História da sexualidade 1*.

<sup>48</sup> TAQUES, *Sexualidades e identidades nos movimentos LGBTs do Brasil contemporâneo*.

<sup>49</sup> PRECIADO, *Testo Junkie*.

<sup>50</sup> PRECIADO, *Testo Junkie*, p. 83.

<sup>51</sup> LEWIS, *Teoria(s) Queer e performatividade*.

<sup>52</sup> HEIDEGGER, *Que é uma coisa?*

<sup>53</sup> HEIDEGGER, *Que é uma coisa?*

existência. Enquanto se pensa sobre esta pergunta, outros questionamentos são desvelados e reunidos pelo autor ao longo do texto. O caráter transformador desta pergunta está na possibilidade de serem reveladas respostas inimagináveis ao longo da reflexão, apesar de não se alcançarem respostas completas. Perguntar sobre algo que já existe, que faz parte dos hábitos, e falando de coisas que estão ao redor é indicar que, na verdade, nunca se presta muita atenção para os fenômenos à volta. Se a essência de uma coisa não corresponde ao que se pensava dela, então, segundo o filósofo, todo o sentido do estar-aí precisa refazer sua experiência na síntese com o pensamento. A existência que se atribui às coisas e a si mesmo transforma-se quando a coisa, o mundo, os objetos, a vida em si, ultrapassam outro sentido que não aquele naturalizado pela cultura e pelo cotidiano desatento.

Ainda que a leitura do livro traga uma ampla compreensão da existência e do significado atribuído à constituição do mundo a partir desta interpretação, existe também na estrutura do texto de Heidegger<sup>54</sup> outro mistério para além de uma pergunta não respondida diretamente. Compreende-se que o seu texto vai costurando um percurso e desenhando seu discurso com muito cuidado e domínio sobre o fenômeno que ele tem em mente. É como se o filósofo estivesse “comendo pelas beiradas” antes de chegar ao ponto central de sua observação; como se houvesse um quarto oculto onde ele esconde o tópico principal de seu raciocínio. Enquanto Heidegger inicia a apresentação do fenômeno, tendo a pergunta como estímulo, seu discurso passa por vários recantos do raciocínio lógico, inserindo novos conceitos e relacionando estas informações para se aproximar de um lugar ainda não revelado. Como se o percurso aleatório fosse um ritual de passagem para todos aqueles e aquelas que esperam materializar a visão da surpresa principal desse conteúdo, que seria impossível de ser visto sem o percurso de leitura e compreensão prévia ao que virá depois. Heidegger<sup>55</sup> torna claro esse percurso através de um texto legível, que vai agregando novas informações na medida em que se aprofunda na leitura. Ainda que o quarto nunca seja revelado de imediato, ele é parte desta construção do conteúdo, como um desafio de encontrar a afinação correta para que a mente torne possível a apreensão cognitiva do que não é visto pelo olhar comum.

Entrar neste quarto é o desafio, e ver o que está lá dentro requer compreensão aguçada. Para valorizar todo esse percurso é necessário ter paciência e dedicação. Ainda assim, a verdade sobre este quarto oculto, sobre o que está dentro dele, jamais será compartilhada em sua totalidade.

Interpretando-se o que seria o quarto oculto de Heidegger<sup>56</sup> em sua obra *Que é uma coisa?*, utiliza-se desse processo de reflexão para compreender a totalidade do discurso apreendido pela experiência intuitiva, permeando este quarto e trazendo ao texto o que se torna relevante para que outras pessoas formulem suas ideias sobre a mesma temática e a mesma pergunta. Com a ideia do quarto oculto incutida na mente, torna-se compreensível imaginar o percurso síntese deste raciocínio. Acredita-se que esse aspecto colabora para tornar a explicação do texto mais fluída e instigante para as leitoras e os leitores. Desta maneira, cada qual aproxima suas projeções de ideias sobre o mesmo assunto, sem que o quarto onde se esconde a verdade obtenha a mesma projeção para os diferentes olhares atentos, entre aqueles e aquelas que enxergam para além do óbvio.

---

<sup>54</sup> HEIDEGGER, *Que é uma coisa?*

<sup>55</sup> HEIDEGGER, *Que é uma coisa?*

<sup>56</sup> HEIDEGGER, *Que é uma coisa?*

## 4. Quando o corpo vira arquitetura

---

Para além das evidências, pensar na relação entre corpo e matéria através do prazer sexual é compreender que a busca do orgasmo se torna, na verdade, a busca por um momento efêmero de intenso prazer. Como se este prazer remetesse à consciência, que usufrui do orgasmo, para fora de sua condição de mortalidade. Interpreta-se que essa junção de sentir o infinito a partir do prazer sexual se daria quando o sujeito (que sente o orgasmo e segue) vira parte do objeto (que estimula o orgasmo e permanece). Será que existe limite para essa sensação entre efêmero e eterno como fonte de prazer?

Para seguir nesta reflexão, entretanto, é importante abordar o fenômeno desta relação entre sujeito e objeto a partir do espaço arquitetônico enquanto meio no qual o sujeito-corpo interage através de seus desejos e verdades particulares.

A arquitetura enquanto artefato costuma se diferenciar da escultura, como arte, devido ao seu caráter utilitário associado à aparência. Além do interesse visual relacionado com a apreciação estética, a arquitetura também permite acesso ao seu espaço interior para organizar e abrigar as necessidades humanas associadas ao planejamento do espaço, e não apenas à apreciação visual e formal do seu caráter físico. A relação entre exterior e interior é determinante para esta diferença literal, predominando a exterioridade na escultura e a exterioridade e interioridade na arquitetura.<sup>57; 58</sup> Outro aspecto que coloca a escultura no limite com a arquitetura é a proporção do objeto em relação à escala humana de referência. Tendo o corpo como referência para a apreensão destes objetos no espaço, pode-se considerar que a escultura não teria a mesma função de abrigar o corpo em seu espaço interior, como é suposto à arquitetura. Neste caso, quando o acesso ao corpo é permitido no espaço interior de um objeto escultórico e artístico, borram-se os limites da convenção entre a arquitetura e a escultura. Nessa sobreposição há, justamente, o rompimento dessas categorias de objetos e a abertura de um campo exploratório de legibilidade, mantendo o corpo como referência para esta nova apreensão do objeto orientado no espaço. Entretanto, de que maneira o corpo também se perde nessa fronteira entre categorias quando ele próprio se torna objeto de desejo?

Na relação que se estabelece com as coisas, o prazer estético (através dos sentidos) costuma estar na superfície externa do objeto que se aprecia. Se este objeto apresentar superfície externa e também interna, além do prazer estético ele pode se transformar em prazer cinestésico (da sensação da presença do corpo em determinada morfologia espacial), caso o tamanho do objeto permita o acesso do corpo (ou de parte dele) em seu espaço interior.

As noções de prazer estético e cinestésico podem ser exemplificadas pela experiência de visitar o edifício do pavilhão da Suíça durante a 15ª Bienal de Arquitetura de Veneza, em novembro de 2016. Ao ficar frente ao monólito rochoso exposto sozinho no principal espaço do edifício, deu-se um misto de curiosidade e encantamento. A tênue diferença entre arquitetura e escultura desse objeto também estava relacionada com as diferentes camadas exteriores, na definição desta experiência a partir da cidade,

---

<sup>57</sup> GIEDION, *Espaço, tempo e arquitetura*.

<sup>58</sup> RASMUSSEN, *Arquitetura vivenciada*.

passando por outras condições de espaço e transitoriedades até chegar naquela obra. A proposta arquitetônica do pavilhão suíço, locado dentro do parque Giardini, apresentava uma linguagem trivial pela fachada de entrada, sem muito destaque entre outros pavilhões próximos, como os da Dinamarca, Venezuela, Países Nórdicos, Rússia e Japão. A experiência cinestésica de entrar no pavilhão não mudou muito das experiências com os outros espaços. Entretanto, ao entrar no pavilhão da Suíça e ficar diante da enorme escultura abstrata, similar a uma rocha branca no meio do amplo espaço do saguão, a sensação foi inusitada frente àquela peça escultórica, considerando-se a posição de quem entra no local. O impacto de presenciar tal trabalho aconteceu, em primeiro lugar, devido à impossibilidade de esse grande elemento passar pela porta de entrada e, em segundo, pela simplicidade do projeto do pavilhão em apresentar apenas esse objeto escultórico dentro de um amplo espaço interno para instigar a reflexão sobre novas concepções em arquitetura.<sup>59</sup>

Passando a primeira impressão de ver a rocha dentro do principal ambiente do pavilhão, foi possível ainda observar o outro lado da exposição, na perspectiva de quem olha a porta de acesso, e perceber que o objeto artístico era oco e permitia o acesso dos visitantes ao seu interior. Neste momento, foi possível compreender que a obra também se tratava de um objeto arquitetônico, construído com a estrutura de uma película amorfa e consistência rochosa, mantendo por dentro a mesma textura rugosa e cor branca da superfície externa. Era uma peça de conceito único, abstrata, irregular, assimétrica e de sistema construtivo complexo. Um objeto artístico ambíguo, difícil de ser classificado.

Por fora uma obra de arte e por dentro, arquitetura. Caminhou-se em volta da obra sentindo com os olhos sua forma, rugosidade e escala, contemplando e obtendo prazer por essa apreciação. Mas ainda uma pergunta sobressaía: como esta escultura entrou no prédio? A proporção da obra, vista como escultura, destoava com a escala do espaço interno do pavilhão. Não demorou muito para seguir-se o mesmo ritual dos outros visitantes, retirando os sapatos para entrar na pequena abertura da rocha e ter acesso ao interior do recipiente, onde a irregularidade da forma e a rugosidade da superfície permaneciam as mesmas, com a diferença de o espaço passar a ser moldado por este invólucro. Dentro do objeto, o observador era o monolito e o vazio o espaço negativo. Naquele momento, o prazer daquela experiência era estético e cinestésico.

Pode-se dizer que a sensação não foi similar à sensação de entrar em uma caverna. Aquele objeto de vários significados e de composição impecável deixava claro o seu caráter único e insubstituível. Como se a organização do pavilhão e a própria organização da Bienal naquele ano tivessem criado uma experiência original, envolvida no contexto da paisagem de Veneza, daquele dia frio de novembro e entre percursos que não seriam repetidos da mesma maneira. Na explicação do arquiteto Christian Kerez,<sup>60</sup> responsável pela obra e pelo pavilhão da Suíça, esse trabalho congrega o pensamento, a construção e a experiência arquitetônica como possibilidades diferenciadas no uso da tecnologia. Ainda, para o arquiteto, cada obra é única quando atende a todos esses aspectos (viabilidade, projeto, experiência) em um lugar específico do tempo e do espaço. A compreensão que se tem sobre esse trabalho vai mais além deste texto apresentado como justificativa para a viabilidade técnica e econômica desse experimento.

---

<sup>59</sup> ARAVENA, *Reporting from the front*.

<sup>60</sup> KEREZ, *A Discovered spacial formation (Interview)*.



Por se tratar de um trabalho limite entre dois modos de conceber um objeto, a rocha oca exposta em um amplo espaço formaliza questões importantes do conhecimento intuitivo que perpassa esta pesquisa exploratória nos ambientes abertos e públicos, ou mesmo em ambientes marcados pela convenção social do programa de necessidades.<sup>61</sup> Com a percepção real dessa obra, foi possível ficar de frente à desconstrução de conceitos relativos ao objeto e que confundem a sua delimitação entre as categorias definidas pela linguagem.

Nessa experiência de prazer estético e cinestésico pela apreciação do elemento, permanece a separação nítida entre sujeito e objeto. Em nenhum momento foi possível ter a própria sensação de ser alvo de desejo do objeto que era motivo de apreciação, e nem mesmo o elemento escultórico/arquitetônico assumiu a postura dúbia entre estas duas entidades, até porque o objeto inanimado nada deseja. Por isso, é uma experiência do sujeito como sujeito. Contudo, para suscitar a combinação entre sujeito e elemento como entidade única, é necessário recorrer à experiência mais simultânea possível de desejos envolvendo o prazer sexual: do sujeito como sujeito (estar com desejo) e do sujeito como objeto (ser desejado).

Quando a prática sexual trata de questões que não envolvem o prazer mútuo dos sujeitos envolvidos, é pouco provável que esse ato alcance seu sentido mais elevado. Por exemplo, buscar o sexo apenas com finalidade reprodutiva ou fazendo uso de coerção e ausência de consentimento de todos os sujeitos envolvidos trata-se de qualquer outro modo de relacionamento, distante do que aqui está sendo considerado como prazer pleno. Outra delimitação que pouco contribui é a ideia de que o sexo deve ser mantido apenas em espaços privativos e íntimos, para práticas heterossexuais e monogâmicas, com o corpo em posições preestabelecidas, movimentos coordenados e com sensações restritas ao sabor baunilha.<sup>62</sup>

Entre as necessidades de prazer, a sexualidade costuma mobilizar pessoas em determinados pontos de encontro, sejam coletivos ou íntimos, para efetivar seus desejos de contato físico e visual com outro(s) corpo(s) e identidade(s). No espaço urbano de grandes metrópoles, esses pontos de encontro são cada vez mais definidos por estabelecimentos comerciais que atraem um contingente de pessoas com a proposta de abrigar e viabilizar a prática desses desejos de contato físico e sexual entre os corpos dos frequentadores. Ao mesmo tempo, cada corpo e identidade procura outro corpo desejável e também expõe sua presença como corpo a ser desejado. Estas possibilidades, de estar com desejo e ser desejado, costumam ser simultâneas, mas podem constituir desejos distintos. Estar com desejo é estabelecer uma posição clara como sujeito, isto é, como fonte do desejo que mobiliza uma ação. Por isso, desejar define a condição do movimento e da busca, baseando-se na experiência mais intuitiva com as coisas. O prazer obtido em decorrência do desejar surge pelos sentidos através do próprio corpo, na medida em que este é estimulado por objeto(s). Considera-se aqui o objeto como algo que está fora da consciência deste sujeito desejante, podendo ser o(s) corpo(s) de outro(s) sujeito(s) e, ainda, um objeto, propriamente dito, tal qual uma prótese – que auxilia o desejo para alcançar o orgasmo.<sup>63</sup> Já o ser desejado desencadeia o prazer vinculado à consciência do corpo, ao ser interpretado como objeto de desejo alheio. Possibilita o

---

<sup>61</sup> WOORDT; WEGEN, *Arquitetura sob o olhar do usuário*.

<sup>62</sup> RUBIN, *Thinking sex*.

<sup>63</sup> PRECIADO, *Manifesto contrassexual*.

prazer menos baseado nos sentidos, porque depende mais da consciência de um significado que lhe foi projetado no corpo, na performatividade, nas atitudes e palavras, como estímulo de desejo(s) que ve(ê)m de fora. Por isso, depende menos da ação e do movimento. É um desejo que antecipa a possibilidade do orgasmo e perpassa pelo desejo de ser objeto de outro sujeito. O que possibilita a experiência de prazer racional antes de ser intuitivo.

A relação do sujeito com o objeto através da sexualidade tem no corpo a vinculação da consciência com a matéria, o que torna o orgasmo uma potência perceptiva da consciência através de estímulos obtidos pela relação do corpo com outro(s) corpo(s) e/ou objetos. É neste sentido que o prazer estético (tátil e visual da superfície externa) e o prazer arquitetônico (cinestésico, tátil e visual, da superfície interna e externa) contribuem para estimular as informações apreendidas pelo corpo. Como se um ambiente interno orientasse o comportamento do corpo na busca do prazer, o que torna a convenção do espaço residencial, do quarto e da cama de casal, um modelo uniforme de espaço, objetos e performatividades para que o desejo seja contemplado pelo orgasmo heteronormativo.

Segundo Preciado,<sup>64</sup> desde pequeno(a), cada qual aprende a negar alguns modos de obter prazer com o corpo, afirmando uma identidade, restringindo alguns comportamentos sexuais e esquecendo que tem ânus. O autor aponta a castração da sociedade pela repressão do sexo anal como forma política de estabelecer a vida social, a cidade e a dominação masculina nos moldes da heteronormatividade. Assim, a hegemonia masculina estaria assentada sobre a castração do ânus como parte dos prazeres sexuais. Por isso, a dessexualização promovida pelas instituições educativas e familiares adota a forma específica de repressão da homossexualidade. Esta repressão do sujeito, da performatividade e do corpo *queer* também se estende na dimensão espacial onde se dão essas representações. Por isso, o sexo anal mantido em locais públicos, nos parques, nos becos escuros e naqueles lugares vazios, que subitamente se transformam, representa o lugar da subversão das práticas sexuais de todos aqueles corpos equalizados pela linguagem do ânus.<sup>65</sup>

São essas práticas sexuais não hegemônicas, baseadas em fetiches, sozinhas ou em grupo, em áreas públicas, promíscuas e pornográficas que promovem novas relações do sujeito com o objeto. Enquanto a intimidade do prazer sexual (quando não apenas reprodutivo) vinculado a ambientes heteronormativos repete suas condições de restrição, o prazer do sexo anal nos espaços *cruising* (de pegação) alternativos cria novas categorias espaciais e relações entre sujeito e objeto a cada duração de um novo orgasmo.

É com este objetivo que o espaço *queer* está associado a esses locais de encontro para a prática sexual entre pessoas do mesmo sexo. O relato de Aaron Betsky<sup>66</sup> aponta que esses espaços públicos e ambientes internos, frequentados principalmente por homens, definiram os contornos subversivos de uma classe média emergente no século 17. Neste período, os espaços não oficiais para as práticas sexuais, definidos como áreas *cruising*, surgem na Holanda como os primeiros espaços *queer* da era moderna. Por isso, a palavra *cruising* deriva do idioma holandês e refere-se às áreas onde homens poderiam

---

<sup>64</sup> PRECIADO, *Terror anal*.

<sup>65</sup> PRECIADO, *Terror anal*.

<sup>66</sup> BETSKY, *Queer space*.

encontrar outros homens para práticas homossexuais em uma rede de espaços e pontos de encontro não estabelecidos para essa função previamente. Para o autor, o espaço *queer* que proporciona o orgasmo deixa o corpo vulnerável e feliz com esse estado de vulnerabilidade, porque é neste lugar em que o corpo e a mente estão no centro da experiência. “As restrições do espaço desaparecem diante da intimidade do sexo”, como se o sujeito *cruiser* pudesse aplicar uma lente na visão desse espaço de superfícies suaves e cotidianas, descobrindo um novo potencial para esta materialidade.<sup>67</sup>

A configuração espacial da função *cruising* em áreas públicas é tão efêmera quanto o orgasmo. Por isso, na medida em que o objetivo do prazer é alcançado, a área volta a apresentar seu caráter original depois do desejo saciado, o que torna o *cruising* uma maneira de escapar da realidade material e urbana; um tipo de revitalização dos lugares abandonados, dos não lugares e daqueles que perderam sua função social.<sup>68</sup>

Com a intenção de assegurar a função *cruising* e, ao mesmo tempo, explorar comercialmente o espaço do desejo *queer*, vários estabelecimentos comerciais nos bairros *gays* das grandes cidades ocidentais costumam incluir labirintos *cruising* como modo de atrair mais clientes. Enquanto o objetivo dos clientes continua sendo o orgasmo, o estabelecimento lucra com a venda de bebidas ao localizar o bar no meio desta passagem, entre a porta de entrada e a área *cruising*, normalmente localizada no fundo ou no porão do edifício.

Em Berlim, existem bares-fetiche e festas específicas para atender a todas as orientações, fantasias e identidades de gênero. Na análise de bares *cruising* desta cidade, abertos apenas para práticas sexuais entre corpos masculinos, pôde-se observar a necessidade recorrente de homens buscarem esses pontos de encontro para expressar seus desejos por outros homens. Lugares configurados no interior dos edifícios, situados em reconhecidas zonas *gays* e alternativas da cidade. Ao mesmo tempo em que tais lugares garantem a funcionalidade (mínima) espacial para atender à demanda de práticas sexuais, esse contingente de homens também procura segurança e garantia ao encontrar um coletivo de corpos voltados para a mesma necessidade fundamental do sexo. Por mais que estes espaços comerciais reduzam o caráter de vulnerabilidade presente em locais públicos da prática *cruising*, devido à insegurança dos encontros anônimos ou da contravenção social, o próprio estabelecimento abarca esta sensação de vulnerabilidade dos corpos sob as influências externas, estabelecendo o domínio territorial, as condutas e normas de uso do espaço. Ao mesmo tempo, libera o desejo para se aprofundar nesta convenção do orgasmo *gay*.

Alguns bares são mais específicos a determinado perfil de práticas sexuais, promovendo festas e a ambiência das áreas internas para abrigar uma temática comum entre tantos desejos: *bareback*, *naked party*, *S&M*, *leather*, *bears* e *underwear*. Ao estabelecer o imaginário temático, o percurso, a ambiência arquitetônica e musical, as imagens pornográficas do vídeo e a indução ao consumo de bebidas alcoólicas, também são estabelecidas as possibilidades para o orgasmo. A vulnerabilidade latente do corpo permanece à deriva mesmo no espaço privado diante da aproximação e do contato entre dois ou mais corpos e na relação entre sujeitos anônimos. Em geral, o risco de confrontos é muito pequeno, mas o mesmo não pode ser dito dos riscos envolvendo o uso de drogas e infecções sexualmente transmissíveis. Em muitos casos, os limites para alcançar o

---

<sup>67</sup> BETSKY, *Queer space*, p. 145.

<sup>68</sup> BETSKY, *Queer space*.

prazer sexual costumam ser ultrapassados quando associados em relações de prazer e perigo “na busca de novas alternativas eróticas em transgredir as restrições impostas à sexualidade tomada apenas no exercício de reprodução”.<sup>69</sup>

Entre diferentes interesses e fantasias, a própria arquitetura interior desses espaços costuma ser neutralizada para o sentido visual através da redução da quantidade de luz no espaço *cruising*. Estes aspectos ambientais e a redução das dimensões espaciais, no sentido proxêmico, induzem ao uso do tato e do olfato para a comunicação entre os corpos. Essa dinâmica espacial envolve a distância pessoal, onde os corpos estão próximos uns dos outros sem se encostarem, e a distância íntima, quando um corpo se envolve no contato direto com o(s) outro(s). Estas distâncias são mais perceptíveis dentro da arquitetura desses estabelecimentos devido ao rompimento com as outras distâncias proxêmicas relativas a distâncias maiores, como a social e a pública.<sup>70</sup>

Essa transformação dos sentidos para a percepção dos corpos não é diferente para o espaço físico. Isto é, o reconhecimento e a distinção entre superfícies, volumes e elementos se fazem pelo contato direto entre corpos e objetos. Por isso, esta condição colabora para que o corpo dos frequentadores seja percebido junto com os elementos arquitetônicos, misturados entre sombras e vultos. Na busca do orgasmo, o sujeito subverte a função do espaço comum. Porém, quando o espaço se configura como cenário propício para o prazer sexual, é o corpo desejante e/ou desejado que se torna subvertido pela condição do ambiente, independentemente do medo, da dor e da insegurança de cada consciência individual na imprevisibilidade dos encontros no *darkroom*.

Enquanto na área pública do *cruising*, como parques e becos pouco iluminados, o orgasmo é o objetivo do sujeito, que passa pelo local e encontra outros corpos na mesma condição de vulnerabilidade e autonomia, na área de pegação confinada pelos estabelecimentos comerciais, o orgasmo a ser alcançado pelos frequentadores torna-se, antes de tudo, a função da arquitetura, diante de um cenário promovido por funcionários e proprietários cujo objetivo particular é o lucro. É nesta mudança de contexto espacial que fica nítido o caráter de transformação, tanto do sujeito quanto do objeto durante os atos e gestos de prazer sexual. Inclusive, gestos que são efêmeros, mas que deixam resíduos.<sup>71</sup>

Igualmente, à medida que no Tiergarten, o mais emblemático parque urbano de Berlim, o sujeito se apropria do espaço público para simular um ambiente propício para a necessidade física de apoio ao seu desejo, nas áreas *cruising* privatizadas o corpo do sujeito é que se torna o objeto a ser apropriado pelo estabelecimento. Portanto, entre barreiras físicas, objetos, móveis e corpos sedentos por sexo na ambiência de bares e saunas *cruising*, levanta-se a seguinte questão: estariam essas pessoas satisfazendo seus desejos nestes lugares ou o próprio lugar é quem explora esses corpos para satisfazer suas (outras) necessidades?

A condição variável do estar com desejo e do ser desejado, de sujeitos e corpos, respectivamente, é um aspecto que torna difícil compreender a delimitação entre autonomia e indução dos comportamentos e desejos. São aspectos relativos, que fazem parte desse jogo de (des)equilíbrios entre poder e resistência; entre estar consciente ou alienado aos desejos. Entretanto, apesar da dificuldade de discernir as misturas e

<sup>69</sup> GREGORI, *Limites da sexualidade*, p. 576.

<sup>70</sup> HALL, *A dimensão oculta*.

<sup>71</sup> BETSKY, *Queer space*, p. 22.

vinculações dos diferentes desejos e ações envolvidas nas transações sexuais desses subterfúgios *queer*, os espaços físicos se mantêm bem delimitados na ordem do controle e monitoramento. Considera-se, nestes termos, duas posições críticas importantes: (1) que a definição das moralidades em áreas públicas está a serviço da valorização e lucratividade da propriedade privada, quando esta assume funções e necessidades que o espaço público regulamentado não está autorizado a abarcar; (2) com o propósito de se tornarem lucrativos, os estabelecimentos se apropriam deste contingente coletivo de corpos como fator de atração para lucrar com o pseudoambiente de socialização, mas que, na verdade, esconde a impossibilidade destes corpos de se reunirem em locais públicos para manterem as mesmas práticas, só autorizadas no ambiente privado. Por outro lado, mesmo que ocorram os desvios de áreas *cruising* em espaços públicos, existem riscos, problemas iminentes e condições de desconforto (como o clima de inverno) que se sobrepõem ao prazer que o orgasmo pode proporcionar. Da mesma forma, na medida em que as pessoas buscam esses estabelecimentos para suas necessidades de prazer, é como se houvesse uma troca: para que o ambiente privado proteja e se responsabilize pela interação coletiva dessas práticas sexuais dissidentes, os frequentadores precisariam dispor os seus corpos e condicionar seus comportamentos ao caráter consumista do estabelecimento, resignando seus desejos na associação com o hábito da socialização noturna e da subcultura *gay*.

Assim, a arquitetura desses estabelecimentos se define como um dispositivo que aciona gestos, comportamentos e performatividades. Um invólucro de substituição do armário residencial, onde a perversão tem mais espaço de atuação coletiva. Na medida em que os espaços *cruising* vão se estabelecendo como hábito para saciar os desejos sexuais, eles se tornam permanentes, da mesma forma que os apegos do sujeito aos ritos sexuais que o tipo de lugar evoca, diferentemente dos espaços públicos, onde o caráter das superfícies improvisadas para o sexo nas ruas é um processo de reinvenção constante, sem o apego dos sujeitos ao espaço e objetos que a situação proporcionou por acaso.

Na medida em que os estabelecimentos apresentam profundidades escuras onde se escondem vultos de corpos a serem desejados, de cadeiras, sofás, colchões, cortinas de borracha e quartos escuros, as texturas e formas se fundem na escuridão dos recantos labirínticos através do olhar de quem adapta seu desejo ao contexto onde está inserido. Nesses lugares de muitos gestos e poucas palavras, os corpos se esbarram e se encontram na prática do contato corporal e do sexo anal como ápice do prazer. É neste contexto de coerções e desvios que a prática do sexo se torna reveladora, permitindo a interação entre os praticantes e o espaço em uma apropriação conjunta. Enquanto os corpos se deliciam e dinamizam a condição dos objetos inertes, são capturados por esta arquitetura sórdida que transforma sua condição de sujeito em objeto devido à impossibilidade do próprio sujeito de transformar o seu corpo em objeto de desejo das convenções sociais. São sujeitos conscientes do desapego com o próprio corpo como condição para o prazer, ao serem desejados como objeto sexual para além dos limites de normalidade. Por isso, na medida em que esses corpos masculinos passam a ser penetrados por outros corpos, eles se tornam parte da arquitetura, por desempenharem múltiplas funções a partir deste acesso ao seu interior. Essa penetração consentida para formalizar o sexo anal na busca pelo orgasmo desfaz a unidade de corpo exterior e individual, já que o seu interior define a área mais privativa em que seria permitido acessar, desde a porta de entrada do estabelecimento comercial.

## 5. Reticências conclusivas

A fenomenologia da interação performativa e sexual de corpos e desejos apresentada neste artigo traz como potência a transgressão de códigos instituídos socialmente e, com isso, a possibilidade de abrir novos discursos e interpretações a partir da relação do corpo com suas sexualidades insubordinadas em subterfúgios arquitetônicos incomuns.

Segundo Butler,<sup>72</sup> a formação da identidade de gênero e a caracterização do corpo como exterioridade se faz por uma série de exclusões e adições significativas, como leis que se manifestam pela subjetividade para influenciar o molde de conformação do corpo. Por isso, o processo intrapsíquico deste molde se faz pela negativa do tabu do incesto e do tabu da homossexualidade, enquanto proibições das "grades culturalmente inteligíveis de uma heterossexualidade idealizada e compulsória",<sup>73</sup> o que torna o gênero uma produção disciplinar latente e de falsa estabilidade na construção e regulamentação heterocisnormativa.

Desse modo, no quesito de constituir um novo sentido de orientação para o sujeito, Merleau-Ponty<sup>74</sup> completa que "o papel do corpo é assegurar a metamorfose de transformação das ideias em coisas, simbolizando e atualizando a existência". Por isso, a sexualidade e a afetividade que os sujeitos estabelecem na relação do mundo factível com o corpo é "uma das maneiras de descobrir a vinculação do sujeito encarnado em seu mundo e no processo de transcendência, [...] ou seja, a possibilidade de compreender o fenômeno (a existência de objetos e seres) pelo desejo e pelo amor".<sup>75</sup>

Já na relação entre sujeito e objeto, discutiu-se o caráter significativo estabelecido para a coisa (discursos, conceitos e objetos) e a influência de seu condicionamento material sobre a identidade e a corporalidade (orgânica e artificial) do sujeito. Assim, ao reconhecer que certas coisas desempenham um papel importante na delimitação da realidade, das orientações dos sentidos de percurso de vida e da hierarquia socioespacial, destaca-se a contradição na formação de uma realidade material e simbólica padronizada, diante do potencial fluído de corpos e identidades quando não restritos a este fator existencial de apego vinculado à apropriação material e na disciplina moral de desejos nada singulares. Ou seja, ainda que a maioria dos sujeitos, dos corpos e das identidades se tornem intuitivamente resilientes e acomodados por necessidades básicas, assim como pela naturalização dos ciclos (re)produtivos, quando o sujeito toma consciência do seu corpo, desejo e identidade de maneira distinta da perspectiva existencial de gênero e corpos binários (moldados pela sociedade de controle) e de desejo heterossexual, a configuração dos objetos, do espaço, dos discursos e das interações simbólicas perde seu sentido ontológico comum, abrindo novas perspectivas de vida.

Ao mesmo tempo, Preciado<sup>76</sup> também aponta a problemática da sociedade farmacopornográfica ao cooptar o corpo e a subjetividade em sua constituição interna, molecular e imagética, tornando esses sujeitos *queer* dóceis e produtivos quando

<sup>72</sup> BUTLER, *Problemas de gênero*.

<sup>73</sup> BUTLER, *Problemas de gênero*, p. 234.

<sup>74</sup> MERLEAU-PONTY, *Fenomenologia da percepção*, p. 227.

<sup>75</sup> MERLEAU-PONTY, *Fenomenologia da percepção*, p. 213.

<sup>76</sup> PRECIADO, *Testo Junkie*.

inseridos e reconhecidos na superestrutura de áreas centrais, onde a diversidade identitária de gênero, raça e sexualidades agrega valor conveniente para as novas tendências capitalistas – como tem sido o caso das subculturas vanguardistas e suas dinâmicas territoriais e históricas em Berlim.<sup>77</sup>

Ainda assim, é no posicionamento particular das pessoas que a relativa centralidade existencial precisa ser retomada. Assim, quem sabe, a desconstrução de identidades biopolíticas, estereotipadas, raciais e nacionais, pela recomposição de um percurso corporal e (inter)subjetivo singular, permitirá outras descobertas e prazeres. Portanto, é neste sentido que a sexualidade (assim como a performatividade não binária de gênero) diz respeito a esse resgate mais amplo e intuitivo/reflexivo da autonomia do sujeito com suas funções corporais e extensões protéticas de estar no mundo.<sup>78</sup>

Por uma conclusão dialética a partir da experiência fenomenológica por áreas *cruising* de Berlim, o que foi possível ver neste quarto oculto para além da escuridão? Viram-se corpos aquecidos por seus desejos, despídos de suas identidades, de nomes e nacionalidades; corpos sedentos por uma combinação de prazer, que se revela pelo olhar daquele que se completa pela correspondência. Bastava uma silhueta, uma metonímia corporal e se desfaziam os detalhes da fisionomia. Várias combinações foram possíveis para estes corpos se encaixarem. Mais de uma peça costumava ser permitida para esse jogo de interações e proximidades pessoais. Tudo dependia do tempo coincidente para o encontro, onde foi preciso levar o corpo para este quarto a partir de uma intuição sexual que vinha do lado de fora. Uma intuição que se manifestava em determinado tempo, fato histórico e cultural, na amarração de outros percursos, outros estímulos, outras necessidades associadas. O desejo sexual, como força mobilizadora, se sobrepôs a todos os outros estímulos. Em geral, a dor, a fome, o cansaço, o amor e o sentimento de posse significaram amarrações de apego. Em tais experiências, os corpos dissidentes se mobilizaram para o fluxo dos desejos sexuais com impulso mais forte. Por isso, foi na confluência de quartos ocultos que cada desejo entrou e se espalhou; foi nesta noção associada ao *darkroom* onde cada pessoa impregnou sua projeção de vida, seus desejos, seu corpo e seu sexo, de maneira que o quarto foi sendo preenchido ao ponto de afastar a luz junto com os seus limites. Enfim, a luz dentro do quarto oculto costuma ser uma ilusão para todas aquelas pessoas que ainda não entraram nele.

---

<sup>77</sup> SARDÁ-VIEIRA; ZAPATA GALINDO; KOBLITZ, *Dinâmicas de la urbanidad queer en Berlín*.

<sup>78</sup> BRAIDOTTI, *Diferença, diversidade e subjetividade nômade*.

## Referências

---

- AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007. pp. 65–79.
- AHMED, Sara. *Queer phenomenology: orientations, objects, others*. Durham, London: Duke University Press, 2006.
- ARAVENA, Alejandro. *Reporting from the front: 15th International Architecture Exhibition*. [Catalog]. Venezia, 2016.
- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- BETSKY, Aaron. *Queer space: architecture and same-sex desire*. New York: William Morrow and Company Inc., 1997.
- BRAIDOTTI, Rosi. Diferença, diversidade e subjetividade nômade. Tradução de Roberta Barbosa. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, n. 1-2, pp. 1-16, jul./dez. 2002.
- BROWNE, Kath. Uma perfeita geezer-bird (mulher-homem): os lugares e olhares de corporalização "feminina". In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista (org.). *Geografias feministas e das sexualidades: encontros e diferenças*. Ponta Grossa: Todapalavra, 2016. pp. 131–157.
- BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do "sexo"*. 1. ed. São Paulo: n-1 edições, 2019.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977–1978)*. Tradução Eduardo Brandão; revisão da tradução Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- GIEDION, Sigfried. *Espaço, tempo e arquitetura: o desenvolvimento de uma nova tradição*. Tradução de Alvamar Lamparelli. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- GREGORI, Maria Filomena. Limites da sexualidade: violência, gênero e erotismo. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 51, n. 2, pp. 575–606, 2008.
- HALL, Edward T. *A dimensão oculta*. Tradução de Waldéa Barcellos. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- HEIDEGGER, Martin. *Que é uma coisa? Doutrina de Kant dos princípios transcendentais*. Tradução de Carlos Morujão. Lisboa: Edições 70, 1987.
- KEREZ, Christian. *A Discovered spacial formation*. Zurich, TEC21. Interview granted to Hubertus Adam. Zurich, TEC21, mayo 2016. Disponível em:



<https://www.espazium.ch/a-discovered-spatial-formation>. Acesso em: 30 out. 2023.

LEWIS, Elizabeth Sara. Teoria(s) *Queer* e performatividade: mudança social na matriz heteronormativa. In: MACEDO, Elizabeth; RANNIERY, Thiago (org.). *Currículo, sexualidade e ação docente*. 1. ed. Petrópolis, RJ: DP et Alii, 2017. pp. 157-186.

LOURO, Guacira Lopes. Foucault e os estudos *queer*. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (org.). *Para uma vida não-facista*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. pp. 135-142.

MAGNABOSCO, Molise de Bem; SOUZA, Leonardo Lemos de. Aproximações possíveis entre os estudos da deficiência e as teorias feministas e de gênero. *Revista Estudos Feministas*, v. 27, n. 2, p. e56147, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/xN3zgQD7sqqgSwxrZfV7qQk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 dez. 2023.

MALARD, Maria Lúcia. *As aparências em arquitetura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Tradução Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MISKOLCI, Richard. Crítica à Hegemonia Heterossexual. *Revista Cult*, n. 193, ano 17, pp. 33-35, 2014.

PRECIADO, Paul B. *Manifesto contrassexual*. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1 edições, 2014.

PRECIADO, Paul B. Terror anal: apuntes sobre los primeros días de la revolución sexual. In: HOCQUENGHEM, Guy (org.). *El deseo homosexual*. Traducción de Geoffroy Huard de la Marre. España: Editorial Melusina, 2009. pp. 133-174.

PRECIADO, Paul B. *Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. Tradução Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1 edições, 2018.

RASMUSSEN, Steen Eiler. *Arquitetura vivenciada*. Tradução de Álvaro Cabral. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

RUBIN, Gayle. Thinking sex: notes for a radical Theory of the Politics of sexuality. In: NARDI, P.; SCHNEIDER, B. *Social perspectives in lesbian and gay studies: a reader*. London/New York: Routledge Ed., 1998. pp. 100-133.

SALIH, Sara. *Judith Butler e a Teoria Queer*. Tradução e notas de Guacira Lopes Louro. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SARDÁ-VIEIRA, Marcos. Errância, devir *queer* e transição espacial nas ruas de Berlim. *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v. 32, n. 3, pp. 512-525, 2022. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/12624>. Acesso em: 19 dez. 2023.

SARDÁ-VIEIRA, Marcos; ZAPATA GALINDO, Martha; KOBLITZ, Katja. Dinâmicas de la urbanidad *queer* en Berlín. *Pasado y Memoria*, n. 25, pp. 234-258, 2022. Disponível em: <https://pasadoymemoria.ua.es/article/view/20742>. Acesso em: 19 dez. 2023.

TAQUES, Fernando José. Sexualidades e identidades nos movimentos LGBTs do Brasil contemporâneo. *Visão Global*, Joaçaba, v. 13, n. 1, pp. 143-156, 2010.

WEEKS, Jeffrey. *Coming Out* - the emergence of LGBT identities in Britain from the Ninetenth Century to the present. 3. ed. London: Quarter, 2016.

WOORDT, Theo J. M. van der; WEGEN, Herman B. R van. *Arquitetura sob o olhar do usuário*: programa de necessidades, projeto e avaliação de edificações. Tradução de Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Oficina de Textos, 2013.

## **SOBRE O AUTOR**

### **Marcos Sardá-Vieira**

Arquiteto, urbanista e doutor em Ciências Humanas. Professor adjunto e pesquisador vinculado à Universidade Federal da Fronteira Sul, UFFS. Tem interesse por pesquisas relacionadas à teoria-história da arquitetura, literatura fantástica, gênero, espaço e sexualidades. *E-mail:* [marcosarda@gmail.com](mailto:marcosarda@gmail.com).